

INTERTEXTUALIDADE, IMPLICATURAS E ARGUMENTAÇÃO: representação da primeira-dama do Brasil, Janja, em charges políticas

INTERTEXTUALIDAD, IMPLICATURAS Y ARGUMENTACIÓN: la representación de la primera dama de Brasil, Janja, en caricaturas políticas

Maria da Penha Pereira Lins¹
Jucélia Azevedo dos Santos Silva²
Rosani Muniz Marlow³

RESUMO: O filme “Barbie”, lançado no Brasil em 2023, alcançou ampla repercussão, mas também críticas, ao apresentar uma abordagem inovadora: um mundo dominado pela perspectiva feminina, em contraste com as concepções tradicionais associadas à personagem, desde sua criação no século XX. O longa-metragem inspirou inúmeras produções textuais, especialmente no ambiente digital, que exploraram, além da popularidade da boneca, as controvérsias suscitadas pela nova narrativa feminista e social. No contexto político, 2023 foi o primeiro ano do atual mandato do Governo Lula, e a primeira-dama Janja surge em charges que a associam ao universo semiótico da Barbie. A fim de compreender a relação estabelecida entre Janja e Barbie, analisamos uma charge publicada no jornal Folha de S. Paulo e outra na Revista Oeste, para investigar a construção argumentativa em torno da atuação da primeira-dama no cenário político nacional. Nossa análise fundamentou-se em preceitos da intertextualidade (Koch; Bentes; Cavalcante, 2007), nos estudos da argumentação (Koch; Elias, 2016; Amossy, 2018) e na teoria pragmática das implicaturas (Grice, 1982 [1975]). Nosso objetivo foi analisar as estratégias argumentativas empregadas pelos chargistas na construção da imagem da primeira-dama, destacando como os sentidos produzidos — ancorados na intertextualidade e nas implicaturas — são atravessados por posicionamentos ideológicos e disputas políticas.

Palavras-chave: Argumentação. Intertextualidade. Pragmática. Crítica política. Janja.

RESUMEN: La película «Barbie», estrenada en Brasil en 2023, tuvo una gran repercusión, pero también críticas, al presentar un enfoque innovador: un mundo dominado por la perspectiva femenina, en contraste con las concepciones tradicionales asociadas al personaje desde su creación en el siglo XX. El largometraje inspiró numerosas producciones textuales, especialmente en el ámbito digital, que exploraron, además de la popularidad de la muñeca, las controversias suscitadas por la nueva narrativa feminista y social. En el contexto político, 2023 fue el primer año del actual mandato del Gobierno de Lula, y la primera dama Janja aparece en caricaturas que la asocian con el universo semiótico de Barbie. Con el fin de comprender la relación establecida entre Janja y Barbie, analizamos una caricatura publicada en el periódico Folha de S. Paulo y otra en la Revista Oeste, para investigar la construcción argumentativa en torno a la actuación de la primera dama en el escenario político nacional. Para ello, el análisis se basó en los preceptos de la intertextualidad (Koch; Bentes; Cavalcante, 2007), en los estudios sobre argumentación (Koch; Elias, 2016; Amossy, 2018) y en la teoría pragmática de las implicaturas (Grice, 1982 [1975]). Nuestro objetivo fue analizar las estrategias argumentativas empleadas por los caricaturistas en la construcción de la imagen de la primera dama, destacando cómo los significados producidos — anclados en la intertextualidad y las implicaturas — están atravesados por posicionamientos ideológicos y disputas políticas.

Palabras clave: Argumentación. Intertextualidad. Pragmática. Crítica política. Janja.

¹ Universidade Federal do Espírito Santo. Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo. mpenhalins@gmail.com.

² Universidade Federal do Espírito Santo. Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo. jucelia.azevedo@ifes.edu.br.

³ Universidade Federal do Espírito Santo. Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo. rosanimarlow@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O ano de 2023 foi bastante importante para o cenário político e midiático brasileiro, haja vista o início do novo mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. No campo do entretenimento, por sua vez, havia uma grande expectativa para a estreia do filme “Barbie”, que alcançou ampla repercussão nacional. Esses assuntos foram muito explorados sobretudo nas redes sociais, das quais emergiram produções textuais de naturezas diversas.

Embora, aparentemente, estes tópicos não apresentem relação direta, muitas pessoas vincularam o filme a questões políticas, suscitadas pela nova narrativa abordada no longa-metragem, com viés feminista e social. E aproveitaram a popularidade da boneca para se posicionar, sobretudo nas redes sociais. Assim, a produção cinematográfica inspirou inúmeras produções textuais, que circularam entre os brasileiros, desde webnotícias a memes e charges. Ou seja, muitas relações intertextuais nasceram desses dois contextos marcantes de 2023.

Tais produções emergentes despertam nos investigadores da linguagem grande interesse em compreender os fenômenos textuais que emergem desses contextos, sobretudo no que diz respeito à pragmática. Por isso, a fim de entender como as relações intertextuais acontecem e quais os possíveis efeitos no público leitor, propomos analisar as estratégias argumentativas empregadas por chargistas na construção da crítica política. Para tanto, elegemos como corpus duas charges políticas – uma publicada pela Folha de S. Paulo e outra pela revista Oeste –, nas quais, aproveitando a popularidade do filme Barbie, são feitas relações intertextuais.

A análise baseou-se nos estudos da intertextualidade, de Koch, Bentes e Cavalcante (2007), em diálogo com as pesquisas sobre argumentação, de Koch e Elias (2016); e Amossy (2011; 2018), bem como na teoria pragmática das implicaturas, de Grice (1982 [1975]).

A CHARGE

A charge é um gênero, do hipergênero quadrinhos, com forte carga argumentativa e opinativa, imbuído de humor e crítica. Embora tenha como principal veículo transmissor o jornal, circula muito pela internet, sobretudo nas redes sociais, por possibilitar reflexões e discussões nesses espaços. Taffarello (2018) traz uma definição pertinente a respeito do gênero quando o caracteriza como

[...] texto jornalístico-opinativo multimodal [...] composto de um ou mais quadros (neste caso, caracteriza-se normalmente como narrativa) construídos de ilustração que envolve a

caricatura de um ou mais personagem. Seu objetivo é, por meio de recursos variados, ironizar, satirizar ou criticar acontecimentos ou pessoas, em geral políticos, do cenário nacional e mundial, porém da atualidade. Sendo assim, já determina sua efemeridade e, nesse aspecto, pode-se dizer que esbarra no gênero crônica (Taffarello, 2018, p. 87).

Como é possível observar, a charge é multifacetada, o que possibilita ao chargista explorar vários recursos da linguagem, linguísticos e visuais, para construir suas críticas e sugerir significados para além do que está dito explicitamente. Além disso, como está atrelada aos acontecimentos atuais, os políticos são alvos frequentes dos quadrinistas. No contexto atual do Brasil, por exemplo, o presidente Lula e a primeira-dama Janja têm aparecido caricaturizados reiteradamente nas produções chargísticas.

INTERTEXTUALIDADE

Segundo Bakhtin (1997), em sua teoria do dialogismo, todo e qualquer enunciado se constitui em diálogo com outros enunciados, o que significa que nenhum texto é completamente original ou autônomo, já que sempre corresponde a discursos anteriores. Na perspectiva bakhtiniana, o sentido se constrói num movimento dialógico, sendo assim inconcluso, inacabado, dependendo da presença do outro. Essa ideia constitui a base da noção de intertextualidade.

Nesse mesmo sentido, Marcuschi (2008, p. 129) reitera que “[...] todos os textos comungam com outros textos, ou seja, não existem textos que não mantenham algum aspecto intertextual, pois nenhum texto se acha isolado e solitário”. Essas reflexões nos trazem a noção de intertextualidade em seu *sentido amplo*, o que nos permite analisar e observar como diferentes vozes sociais aparecem em um texto, como um discurso responde a outros discursos ou ainda como o locutor constrói sua posição por meio do diálogo, da ironia, concordando ou refutando enunciados anteriores.

Já a intertextualidade no *sentido restrito* (cf. Koch, 1991), é quando fazemos remissão a outro texto efetivamente produzido e que faz parte da nossa memória discursiva, com a menção da fonte ou não. Isto é, além da propriedade dialógica intrínseca ao texto, tem-se a relação direta de um texto com outro(s) texto(s) previamente existente(s).

Vários gêneros textuais exploram a intertextualidade nesse *sentido restrito*, como a charge, por exemplo, que tem intrinsecamente essa característica, dada sua natureza, comentar e interpretar criticamente acontecimentos contemporâneos. Por isso, adotamos para esta pesquisa, sobretudo, essa dimensão, pois o chargista leva em conta a memória discursiva dos seus interlocutores para recuperar as relações intertextuais nas charges e construir os sentidos dos textos.

Dessa forma, analisar nosso *corpus* observando esses aspectos intertextuais, possibilita compreender as estratégias utilizadas pelos chargistas na construção da argumentação, pois “[...] fazer remissão a textos que fazem parte da memória social dos leitores é uma importante estratégia na construção de argumentos” (Koch; Elias, 2016, p. 54).

PRAGMÁTICA

A pragmática é uma teoria linguística que focaliza o significado das palavras considerando sua relação com os contextos e os usuários da língua. A interpretação do enunciado nessa perspectiva estabelece, portanto, uma relação entre o significado literal e o significado comunicado, já que, quando dizemos algo, veiculamos para além do que foi dito explicitamente. Essa área da linguística, como nos ensina Lins,

[...] em seu escopo teórico, engloba, principalmente, as noções de *crença*, *intenção* e *ato racional*, na medida em que é o estudo das ações humanas realizadas intencionalmente, o que envolve a interpretação de atos realizados com *a intenção de alcançar algum propósito*. Em vista disso, envolve *todos os tipos de comunicação, incluindo aí o não convencional, o não verbal e o não simbólico* (Lins, 2025, p. 22, grifo nosso).

Então, podemos afirmar que tanto a produção como a interpretação de um enunciado incluem vários fatores que levam em conta modelos compartilhados, sistema de crenças, intenções e cooperação mútuas entre seus usuários.

Em se tratando de cooperação, Grice (1982 [1975]) tem um lugar de destaque nas investigações sobre a linguagem, pois nos mostrou o quanto somos mutuamente cooperativos em nossas interações para alcançar o significado do não dito. O autor observou o comportamento das nossas interações e percebeu que elas são governadas por alguns princípios. Formulou, então, o Princípio da Cooperação, sobre o qual explica que

[...] podemos formular, então, um princípio muito geral que se esperaria que os participantes observassem: Faça sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que está engajado. (Grice, 1982 [1975], p. 86).

Esse princípio, portanto, preside à comunicação, já que a troca verbal funciona segundo certas condições de uso da linguagem, as quais Grice denominou de Máximas Conversacionais. Elas funcionam como princípios interpretativos que pautam toda e qualquer comunicação e nos permitem fazer inferências pragmáticas. São categorizadas por ele em quatro tipos:

1. Máxima da quantidade – que sua contribuição seja informativa o suficiente:
 - a) Faça sua contribuição tão informativa quanto for requerido;
 - b) Não faça sua contribuição mais informativa do que for requerido.
2. Máxima da qualidade – que sua contribuição seja verdadeira:
 - a) Não afirme o que acredita ser falso;
 - b) Não afirme aquilo de que você não tem evidências.
3. Máxima da relação – que sua contribuição seja relevante: Não trate de assunto que não diz respeito ao assunto da conversação.
4. Máxima do modo – seja claro:
 - a) Evite obscuridade de expressão;
 - b) Evite ambiguidade;
 - c) Seja breve;
 - d) Seja ordenado.

Naturalmente, tendemos a ser cooperativos nas nossas interações verbais para que a comunicação aconteça de forma satisfatória. Esse esforço cooperativo é fundamental para dar conta de captar as informações veiculadas por processos inferenciais. No entanto, essas máximas, evidentemente, podem ser violadas, e essa transgressão pode ser explorada com vistas a criar efeitos de sentidos, inclusive como estratégias no processo de argumentação.

ARGUMENTAÇÃO

É consenso que todo discurso tem uma dimensão argumentativa. Primeiro, porque o funcionamento do discurso é o dialogismo (Bakhtin, 1997); segundo, porque, naturalmente, pretendemos que nossas posições sejam acolhidas pelo outro. Alguns discursos apresentam essa dimensão de maneira mais explícita, como o político, por exemplo; outros, de forma mais implícita, como a notícia. Argumentar é, portanto,

[...] tentar influenciar o nosso interlocutor por meio de argumentos cuja constituição demanda apresentação e organização de ideias, bem como estruturação do raciocínio que será orientado em defesa da tese ou ponto de vista, visando à adesão do interlocutor (Koch; Elias, 2016, p. 34).

Como o uso da linguagem se dá na forma de textos, e somos nós (falantes) quem os constituímos, estão intrínsecos a eles nossas crenças, saberes e querer. Assim, intencionalmente, organizamos nossos discursos visando que estratégias podemos utilizar a nosso favor nessa construção

argumentativa, pois os argumentos são os raciocínios que se destinam à persuasão do outro. Como aponta Amossy,

[...] *é na espessura da língua que se forma e se transmite a argumentação, e é através de seu uso que ela se instala: a argumentação, é preciso não esquecer, não é o emprego de um raciocínio que se basta por si só, mas uma troca atual ou virtual – entre dois ou mais parceiros que pretendem influenciar um ao outro* (Amossy, 2011, p. 132-133, grifo nosso).

Para Amossy (2018), todo discurso tende a orientar o modo como o interlocutor compreende um assunto, uma situação ou um acontecimento, mesmo um texto informativo ou narrativo pode organizar seus elementos de modo a conduzir o leitor a determinada interpretação da realidade. Isso significa que a argumentação está presente em diferentes práticas discursivas, ou seja, não está restrita apenas aos textos explicitamente persuasivos.

Em sua teoria, Amossy (2018) distingue dois conceitos fundamentais: visada argumentativa, quando o discurso tem como finalidade principal convencer ou persuadir o interlocutor (debates políticos, discursos eleitorais, editoriais); e dimensão argumentativa, orientação argumentativa presente em qualquer discurso.

Os conceitos trazidos pela autora são especialmente úteis para analisar charges, pois, apesar de ser um gênero naturalmente humorístico e irônico, guarda sua dimensão argumentativa, já que conduz o leitor a avaliar criticamente um acontecimento ou personagem (Amossy, 2018). O gênero pode ainda apresentar uma visada argumentativa, pois, muitas vezes, parece dar conta de uma intenção de convencer explicitamente o público sobre uma posição política ou social.

Como dito anteriormente, nossos textos estão imbuídos de carga argumentativa, pois desde a tenra idade aprendemos a nos posicionar em relação ao que queremos. Então, constantemente julgamos, avaliamos e criticamos. O ato de argumentar é, pois, um ato linguístico fundamental, no qual lançamos mão de um conjunto de estratégias discursivas pelas quais procuramos influenciar as representações, as opiniões ou as atitudes do nosso interlocutor. E os textos são a materialização dessa argumentatividade, sobretudo aqueles que têm uma visada argumentativa.

Uma das principais características da charge é ser argumentativa. O chargista expressa um ponto de vista sobre um acontecimento, buscando influenciar a interpretação do leitor por meio da crítica, da ironia ou da sátira. Muitas vezes essas informações são colocadas por meio de implícitos que, somando-se ao elemento verbal e/ou visual dado, complementam os sentidos do texto. São as inferências, segundo Fiorin (2020), que fazem progredir o discurso no processo argumentativo. E cada recurso trazido pelo chargista se soma a outros aspectos culturais e ideológicos para construir a argumentação, como será visto na análise do corpus.

ANÁLISES

Figura 1. Charge 1 – Barbie Esbanja



Fonte: Schmock – publicada na revista Oeste em 28/07/2023

A charge 1 foi construída com base na intertextualidade. O chargista Schmock opta por explorar elementos do universo da Barbie, vinculados à aparência da boneca, que são rapidamente recuperados pelo interlocutor: a cor rosa e os itens do vestuário – vestido, sapatos, bolsa e joias –, acompanhados das suas respectivas etiquetas de preços altos. Todos esses elementos fazem parte da memória discursiva dos interlocutores que conhecem a boneca, mas a associação não se restringe apenas à apresentação física da Barbie, uma vez que simbolizam vaidade, futilidade e consumismo e, conseqüentemente, ressaltam a ideia materialista ou capitalista.

A primeira-dama do Brasil, Rosângela Lula da Silva, é associada à boneca por meio de uma comunicação irônica e hiperbólica. O chargista transgride, pois, propositalmente, a máxima do modo, o que contribui para a sátira e o humor da charge, e para construção da argumentatividade. Na perspectiva de Amossy (2018), a argumentação está inserida na interação social e depende do contexto de produção e recepção. Então, para fazer as associações propostas, o interlocutor precisa mobilizar, além dos conhecimentos compartilhados sobre a Barbie e a primeira-dama, os seus valores e suas crenças.

Além da máxima do modo, o chargista transgride a máxima da qualidade, já que utiliza a ironia nessa associação, para sugerir um comportamento incoerente, isto é, que não condiz com os ideais defendidos pela primeira-dama e, conseqüentemente, pelo partido que ela representa: Partido dos Trabalhadores. Ele sabe que não é a Barbie literalmente que está ali, mas usa essa comparação para reforçar seu posicionamento, numa tentativa de desqualificar a personalidade política, o que é também uma estratégia argumentativa (argumento ad hominem) que, segundo Fiorin (2020, p. 171) e Amossy (2018, p. 161), é um argumento dirigido à pessoa para confrontá-la com seus discursos ou atos.

A máxima da relevância também é explorada, dado que elementos do mundo da moda, aparentemente irrelevantes, são trazidos para o contexto político da charge propositalmente, com o intuito de provocar reflexão no interlocutor a respeito dos hábitos pessoais da primeira-dama, o que reforça, portanto, a implicatura de incoerência entre seu discurso político e seu comportamento pessoal.

Concordamos com Amossy (2018, p. 184) que “[...] a implicatura, como transgressão deliberada dos princípios de cooperação e como subentendidos que depende de dados contextuais, frequentemente delega ao alocutário a responsabilidade de uma interpretação que o locutor se recusa a assumir”. Dessa forma, quando o chargista viola as máximas conversacionais, implicaturas surgem para se somar aos outros elementos do texto e construir os sentidos da charge. Essas implicaturas também fazem parte do conjunto de estratégias discursivas pelas quais o locutor busca influenciar de alguma forma as crenças e atitudes do interlocutor.

Outro recurso importante, que reforça a crítica direcionada à primeira-dama, é o trocadilho do verbo esbanjar (conjugado na terceira pessoa do singular) com o nome Janja. Esse recurso é fundamental para a construção da argumentatividade da charge, pois implica que a primeira-dama possui comportamento consumista exagerado e atitudes fúteis.

Como podemos observar, a intertextualidade colabora com a coerência textual e com argumentação da charge 1. O chargista utiliza alguns aspectos intertextuais do universo de Barbie e transgride propositalmente as máximas conversacionais como estratégia argumentativa para construir sua crítica. Essa transgressão gera implicaturas, e o interlocutor precisa interpretá-las. Dessa forma, concordamos com Amossy (2018, p. 178) que “[...] o implícito contribui para a força da argumentação na medida em que empenha o alocutário a completar os elementos ausentes”. Por meio dessas implicaturas, compreendemos que a intenção do chargista era criticar não só a primeira-dama mas também o governo do Partido dos Trabalhadores, o que fica evidenciado pelas iniciais “P” e “T” colocadas dentro de estrelas, que também é um símbolo do referido Partido.

Reconhecemos que não é só a figura pública da primeira-dama que é posta em xeque nessa interação, mas também sua figura privada, em uma construção argumentativa baseada majoritariamente no argumento *ad hominem*, de ataque pessoal a Janja. Há uma construção negativa do seu *ethos* como tentativa de colocar em dúvida sua confiabilidade, pois, ainda que Janja tenha um papel atuante como primeira-dama, a charge enfatiza aspectos negativos de sua conduta. A estratégia argumentativa de comparação com os feitos “menos favoráveis” da Barbie endossa a crítica, que sugere não só que Janja é esbanjadora, mas coloca em dúvida a origem desse dinheiro, sugerindo, portanto, danos ao erário.

Observamos, portanto, que a charge 1 tem uma visada argumentativa, pois, por meio da crítica às ações da primeira-dama procura convencer explicitamente o público sobre uma determinada posição

política ou social, contrária ao Partido dos Trabalhadores, já que mobiliza valores – como transparência, responsabilidade, representatividade – e uso de recursos públicos para justificar a posição defendida pelo chargista, sugerindo que aquele partido está sendo incoerente no que defende e negligente no que gere.

Figura 2. Charge 2 – Janja. Ela é tudo. Ele é só o Lula.



Fonte: João Montanaro – publicada na Folha de S. Paulo em 24/07/2023

Na charge 2, o chargista João Montanaro traz apenas dois elementos verbais – o nome "Janja" e a frase "Ela é tudo. Ele é só o Lula". Essa construção traz uma relação intertextual muito forte, uma vez que o chargista baseia-se na paródia que, segundo Cavalcante,

[...] é um recurso bastante criativo que se constrói a partir de um texto-fonte retrabalhado – ou seja, há uma transformação de um texto-fonte – com o intuito de atingir outros propósitos comunicativos, não só humorísticos, mas também críticos, poéticos etc. (Cavalcante, 2014, p. 155, grifo da autora).

O autor da charge aproveita o cartaz do filme “Barbie”, muito recente na memória discursiva dos brasileiros, e o ressignifica para construir com humor sua crítica. O nome da Barbie é substituído pelo nome da primeira-dama, e o slogan do filme ganha novos referentes: “ela”, que no texto original fazia referência a Barbie, refere-se agora a Janja; O nome Ken dá lugar, na paródia, ao nome Lula.

Imediatamente, o interlocutor, induzido pelo Princípio da Cooperação, mobiliza todas as informações para depreender que atributos dos personagens do longa devem ser associados a Lula e Janja. Como nos coloca Amossy (2018, p. 178), “[...] a argumentação se sustenta tanto pelo que diz com todas as letras quanto por aquilo que leva a entender”. E, claro, a informação pragmática, como conhecer o perfil ideológico do jornal, será fundamental para captar a implicatura.

Na parte visual, o chargista mantém o estilo e a estrutura do texto original, substituindo os personagens Barbie e Ken pelas caricaturas da primeira-dama e do presidente Lula, respectivamente. É ela, Janja, quem está no volante do veículo na ilustração, o que metaforicamente possibilita inferir como “aquela que controla/comanda” o governo. Montanaro, portanto, faz uma provocação acerca do

papel da primeira-dama. As máximas da qualidade e do modo são violadas de forma proposital, ao fazer uso da hipérbole, na construção do *ethos* da primeira-dama. O chargista traz alguns atributos da Barbie que podem ser associados a Janja como, por exemplo, o empoderamento ou até mesmo a postura arrogante e impositiva em relação a Ken.

E mais, Montanaro explora a máxima da qualidade, pois tem consciência da relevância da primeira-dama e sabe que ela não é mais importante do que o presidente, mas a construção hiperbólica e irônica serve como estratégia de argumentação para ampliar sua crítica. Com isso, sugere uma preocupação com a sua proeminência na política e, conseqüentemente, nas decisões do governo. Ao relacionar a protagonista do filme à primeira-dama, o chargista explora as máximas para construir a crítica direcionada a Janja.

Por outro lado, Ken aparece no filme com papel coadjuvante e uma postura de submissão em relação a Barbie. Essa ideia também pode ser transposta para a charge na comparação, dado que nessa construção Lula é mantido na posição original do boneco, e o slogan ajuda a reforçar a “coadjuvância” (“Ele é só o Lula”). A máxima da qualidade é explorada para implicar o comportamento do presidente em relação ao protagonismo de Janja. Mais uma vez, o chargista tem consciência do poder que um presidente detém, porém viola a máxima para reiterar sua crítica à primeira-dama. Evidentemente a crítica também é direcionada ao presidente, ao tratá-lo como manipulável e sem autonomia. Todavia, o incômodo que se sobressai nessa crítica é a proeminência e o protagonismo de Janja, principal alvo da crítica, no nosso entendimento.

O slogan reforça a implicatura de que a primeira-dama assume um papel de maior visibilidade (“Ela é tudo”), o que poderia ser muito positivo. No entanto, a ambigüidade nos permite alcançar outras implicaturas dado o contexto pragmático: Pode-se inferir, por exemplo, que esse protagonismo de Janja gera incômodo e preocupação de ordem política.

A multimodalidade textual, a intertextualidade e as implicaturas da charge são estratégias argumentativas que orientam o leitor para determinada interpretação. Essa abordagem está em consonância com a proposta de Amossy (2018), segundo a qual a argumentação se realiza por meio da organização do discurso.

CONCLUSÃO

Ao longo das nossas análises, observamos que ambos os chargistas exploraram a intertextualidade como estratégia argumentativa. Aproveitando a popularidade do filme “Barbie”, ainda que de formas diferentes, construíram suas críticas direcionadas, sobretudo, à primeira-dama do Brasil.

Na charge 1, o chargista Schmock optou por explorar aspectos associados ao universo da boneca, como o consumismo e a futilidade. Com isso, consegue associar, explorando as máximas de Grice, o comportamento de consumo exagerado à primeira-dama, gerando uma implicatura de incoerência entre o comportamento de Janja e seus discursos e, conseqüentemente, o do partido que ela representa (PT), o que coloca em dúvida sua credibilidade. Além disso, o chargista questiona a origem dos gastos pessoais de Janja, sugerindo que pode haver prejuízo ao erário. Há, portanto, uma construção negativa do *ethos* da primeira-dama.

Já na segunda charge, a intertextualidade acontece em forma de paródia, mas, dessa vez, a crítica que recai sobre Janja tem relação com sua postura atuante junto ao governo. O protagonismo da primeira-dama é compreendido pela visão da charge como um apagamento da atuação do presidente Lula, que é colocado como subordinado (“Ele é só o Lula”). Montanaro explora as máximas, da qualidade e do modo, como estratégias de argumentação, para implicar que Janja está em uma posição inapropriada, o que pode sugerir um comportamento presunçoso.

Nesse sentido, a crítica também recai ao presidente, dado que a imagem de Lula é atingida de forma negativa. Isso porque, desde o início do seu terceiro mandato, o nome de Janja tem estado em evidência na política e na sociedade brasileira, o que, certamente, atrai admiradores, que elogiam seu empoderamento e dedicação a pautas humanitárias (por exemplo, equidade de gênero e igualdade racial); mas também críticos, que a consideram intrusa e controladora. Por essa razão, o papel da primeira-dama está sempre em observação, tanto no contexto político-social como no privado.

As estratégias argumentativas empregadas pelos chargistas na construção da imagem da primeira-dama foram principalmente a intertextualidade, evocando pontos negativos da Barbie para associá-los a Janja, implicando, portanto, vários atributos pejorativos (consumista exagerada, esbanjadora, fútil, controladora, mandona, presunçosa).

Em consonância com as ideias dialógicas de Bakhtin (1997), confirmamos, nas nossas análises, como o sentido de um enunciado depende de sua relação com outros enunciados para recuperar ideias, concordar com discursos já existentes ou refutá-los. Os sentidos das charges foram sendo construídos com base na recuperação de textos e discursos pré-existent na memória discursiva do alocutário, em uma cadeia contínua de comunicação.

O significado pragmático é de suma importância na construção argumentativa. Além dos contextos e das intenções dos falantes, as implicaturas são indispensáveis no processo argumentativo. A inferência pragmática leva em conta, além do contexto verbal e não verbal dado pela charge, outros princípios que governam a comunicação que estão para além do texto, como as crenças dos chargistas e dos seus interlocutores; e seus posicionamentos político-ideológicos. O conhecimento pragmático é responsável por conduzir a uma implicatura em lugar de outra.

Em ambas as charges, reconhecemos que há clara intenção de criticar o Governo, entretanto o alvo principal é Janja. A forma como a construção argumentativa foi elaborada em torno da primeira-dama a coloca em uma posição que a deslegitima, isto é, seu *ethos* é construído de forma negativa. A organização das ideias e a estruturação dos raciocínios nas duas charges nos orientam para essa construção de sentido. Os chargistas, portanto, tentam influenciar seu interlocutor, pois a argumentação é a “[...] tentativa de modificar, de reorientar, ou mais simplesmente, de reforçar, pelos recursos da linguagem, a visão das coisas por parte do alocutário” (Amossy, 2011, p. 130). E para isso, eles lançam mão de várias estratégias argumentativas, principalmente a intertextualidade, argumentação por implícitos, a comparação e o argumento direcionado à pessoa.

Como vimos, o argumento *ad hominem* que, segundo Amossy (2018, p. 161), é o “ataque contra a pessoa”, foi bastante explorado, pois as críticas das charges, embora pareçam ter uma preocupação política, recaem, principalmente, sobre a figura privada da primeira-dama, já que os gastos pessoais e a sua postura empoderada aparecem como os principais alvos das críticas.

Com essa estratégia argumentativa, as charges analisadas confrontam Janja com seus discursos e atos, na tentativa de apontar incoerências e, portanto, desqualificá-la. Vimos, pois, que a comparação, o humor e a ironia funcionaram como estratégia crítica para desqualificar a primeira-dama atribuindo a ela características negativas como incoerência, inadequação, irresponsabilidade, hipocrisia. Como pode ser visto ao longo deste trabalho, a argumentação é um componente inerente às práticas discursivas. Todo discurso, ao selecionar informações, organizar ideias, empregar determinadas palavras, orienta a interpretação do interlocutor.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, R. Argumentação e Análise do discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. *Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, (1), 129-144. 2011. Disponível em: <http://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/389>. Último acesso em: 01 de julho de 2026.
- AMOSSY, R. *A argumentação no discurso*. Coordenação de tradução: Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio Ferreira; tradução de Angela M. S. Corrêa [et al]. São Paulo: Contexto, 2018.
- BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. 2ª ed. Tradução de M. E. G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- CAVALCANTE, M. M. *Os sentidos do texto*. 1ª ed., 2ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2014.
- FIORIN, J. L. *Argumentação*. 1ª ed., 2ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2020.
- GRICE, H. P. *Lógica e conversação*. In: DASCAL, M. (org.) Fundamentos metodológicos da Linguística. Pragmática. V. 4. Campinas, 1982 [1975], p. 81-103.

KOCH, I. G. V. Intertextualidade e polifonia: um só fenômeno? *DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 529-541, 1991.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. *Escrever e argumentar*. São Paulo: Contexto, 2016.

KOCH, I. G. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2007.

LINS, M. P. P. *De Pragmática e de Discursos: questões contemporâneas*. São Carlos: Pedro&João Editores, 2025.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

TAFFARELLO, M. C. M. *Charge: o humor levado a sério no ensino*. In: CARMELINO, A. C.; RAMOS, P. (org.). *Gêneros humorísticos em análise*. Campinas: Mercado de Letras, 2018. p. 87-108.